

encruzilhada de corvos

andrzej sapkowski

Tradução do polaco de Luiz Henrique Budant

Adaptação de Rui Azeredo



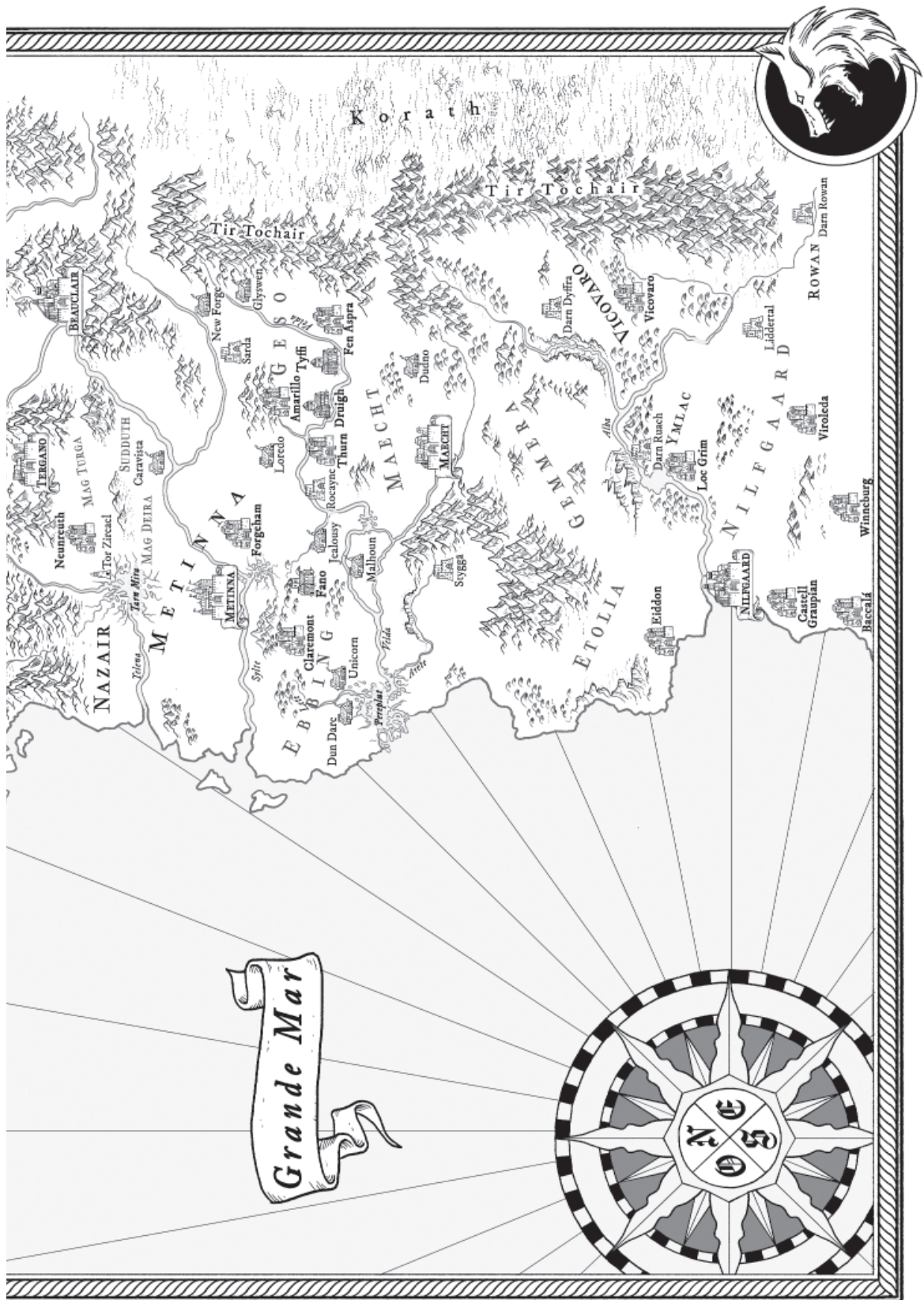
*O vento apavora lá fora, sepulcral escuridão em redor
Na sombra, sanguinário esconde-se o horror
Quando o mal se aproxima, hora de o socorro chamar
Vem, ó bruxo, para nos ajudar!*

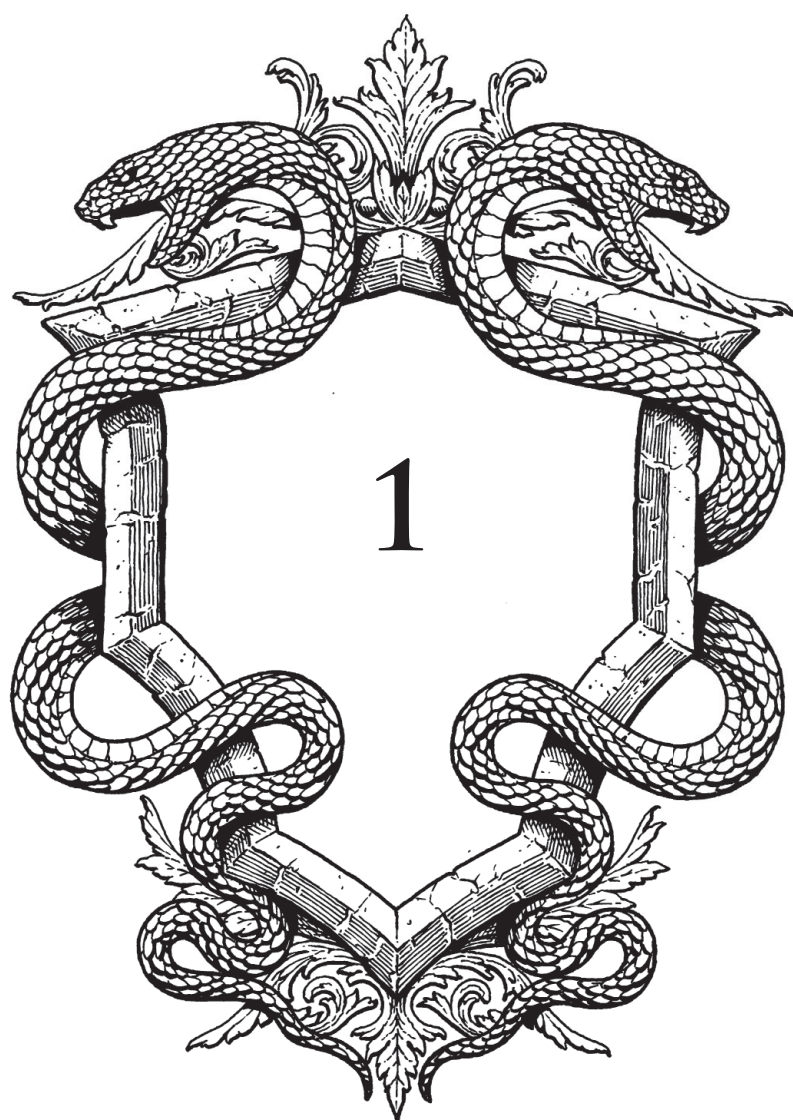
*Do inocente o grito ecoou
Noit'escura e invernal em volta
Sangue inocente a pedra manchou
O bruxo faltou e faz falta.*

Balada anónima, c. 1150 p. R.

*Não te lembres dos pecados e transgressões
da minha juventude [...].*
Salmos 25, 7







Kaedwen é um país situado entre as Montanhas dos Dragões a norte, os Montes Roxos a leste e selvas impenetráveis a oeste. Lá governam os reis da linhagem dos Topp. Foi a sua primeira capital a antiga Ban Ard. Contudo, no ano 1130 post Resurrectionem, o rei Dagread doou aos feiticeiros tal urbe para que lá montassem a sua escola, transferindo a capital para Ard Carraigh, no centro do país.

Outras urbes importantes de Kaedwen são Ban Fearg, Daevon, Ban Fillim e Ban Gleann.

O brasão dos Topp e de todo o país foi, desde tempos imemoriais, o unicórnio — d'or, licorne effrayée de sable.

No entorno das terras reais de Kaedwen ficam as terras fronteiriças, a todos pertencentes, denominadas Marcas ou Marquesados. Tais terras são entregues à administração dos margraves, ou seja, dos marqueses, tanto aqueles de linhagem quanto aqueles pelo rei nomeados. O seu nome vem do facto de tais terras funcionarem como uma linha de frente e, à medida que avançam, devem trazer conquistas e arrancar novos territórios aos elfos para Kaedwen, deslocando as fronteiras e estabelecendo Marcas, id est, Marquesados, cada vez mais distantes. As Marcas são: Ocidental, do Norte, dos Lagos e do Sul.

Baldwin Adovardo,

Regni Caedvenie Nova Descriptio

Geralt, apesar da mais sincera vontade, e de motivos muito importantes, não conseguia concentrar-se de modo nenhum no falatório do intendente Bulava. Toda a sua atenção era absorvida por uma grande gralha empalhada na mesa da autoridade à sua frente. A ave, olhando com os seus maliciosos olhos de vidro para o bruxo, estava numa base de cera pintada de verde, na qual as suas duas patinhas se afundavam. Portanto, de modo algum poderia estar viva, ainda que a sua aparência desse tal impressão. Porquê, então, e Geralt não pôde deixar de se admirar, a gralha lhe piscou várias vezes os olhos de vidro? Seria magia? Provavelmente não, pois o seu medalhão de bruxo não tremeu nem vibrou em qualquer momento, nem um bocadinho. Seria uma alucinação? Um delírio provocado por ter sido várias vezes golpeado na cabeça?

— Vou repetir a pergunta — venceu o intendente. — Vou repetir, embora não seja do meu feitio repetir.

Ele já assegurara por diversas vezes a Geralt que repetir não era do seu feitio. Apesar disso, repetia a cada passo. Era notório que gostava, mesmo que não fosse do seu feitio.

— Repetirei a minha pergunta: o que de facto aconteceu? O que tinha contra aquele desertor para o arrebatado com tanta violência? Alguma antiga animosidade? Pois, veja bem, de modo algum acreditarei que se preocupou com aquele campónio e a honra da filhota dele. À qual você acorreu em auxílio. Como o raio de um cavaleiro errante.

A gralha olhava maliciosamente. Geralt mexeu as mãos amarradas por trás, tentando despertar a circulação sanguínea. A corda cortava-lhe dolorosamente os pulsos. Atrás das costas, ouvia a respiração pesada do brutamonte labrego. O tipo estava a um palmo de distância, e Geralt tinha a certeza de que aguardava apenas por um pretexto para lhe socar de novo o ouvido.

O intendente Bulava arfava, esparramava-se na cadeira, punha a barriga para fora e soltava o cafetã de veludo. Geralt contemplava a frente do cafetã e ia identificando o que Bulava comeria nesse dia, no dia anterior e no

outro antes desse. Constatou que pelo menos uma dessas refeições tivera molho de tomate.

— Eu pensei — disse por fim o intendente — que nunca precisaria de ver um de vocês, bruxos. Há anos que não se via um bruxo. Dizia-se que, depois do ano 1194, poucos restaram vivos lá nas montanhas. Depois, chegou a notícia de que também os que restaram haviam morrido, de fome ou da peste. E de repente aparece um deles exatamente na minha aldeia. E a primeira coisa que faz é cometer um homicídio. Apanhado em flagrante, ainda tem a audácia de invocar uns éditos de merda.

— Por força do édito nominal do ano 1150 — resmungou Geralt, após aclarar a garganta —, decretado por Dagread, rei de Kaedwen e das Marcas fronteiriças, *primo*: autoriza-se o livre exercício do ofício dos bruxos nos territórios do reino e das Marcas e se os afastam da jurisdição das autoridades locais...

— Primeiro *primo* — interrompeu-o bruscamente Bulava —, já terá passado meio século desde que Dagread se transformou em pó e, com ele, os seus éditos nominais autocráticos. Segundo *primo*: nenhum rei vai afastar nada de mim, porque o rei está em Ard Carraigh, longe daqui, e aqui governa a autoridade local. Ou seja, eu. Terceiro *primo*: foi preso não por exercício do seu ofício, mas por assassinio. Caçar lobisomens e matar leshys é a sua tarefa de bruxo. Mas nenhum rei lhe deu o direito de estraçalhar pessoas.

— Agi em defesa...

— Daryl!

O brutamontes obedientemente bateu com o punho em Geralt, desta vez na nuca.

— A sua lengalenga — o intendente olhou para o teto — é irritante. Sabe ao que pode levar a irritação? Até mesmo num homem calmo como eu?

A gralha olhava com o seu malicioso olho de vidro. Geralt ficou em silêncio.

— Não é um bruxo — disse por fim Bulava. — É um defeito. Precisa de conserto. É necessário levá-lo de volta ao refúgio nas montanhas sobre o qual as pessoas tanto falam. Não sei como é que fazem por lá. Pode ser que uma falha como você dê para desmontar em peças, usando-as na produção de bruxos novos e melhores. É assim que fazem por lá, não é? Os bruxos são feitos de partes de vários humanos costuradas, coladas ou seja lá o que for. As pessoas dizem coisas diferentes. Então, para não ficar a falar em

vão... Bruxo malsucedido, degredo-o de volta para as montanhas, além do Gwenllech. Daqui a uma semana.

Geralt manteve-se em silêncio.

— Não vai sequer perguntar porquê daqui a uma semana? — O intendente mostrou os dentes amarelos. — Gosta de invocar éditos e leis. Eu também gosto da lei. E ela diz que não é permitido aos forasteiros andar armado neste condado. E entrou aqui com uma arma.

Geralt queria explicar que não entrou, tendo, isso sim, sido arrastado para dentro. Mas não conseguiu.

— A pena são vinte chibatadas — anunciou Bulava. — Será aplicada pelo nosso Daryl, e ele tem mão pesada. Vai demorar pelo menos uma semana a aguentar-se em pé. Agarrem-no. Levem-no para o pátio e amarram-no ao poste...

— Alto lá! — Os brutamontes a quem o intendente dera a ordem foram interrompidos por um homem que entrava nos aposentos envergando uma capa grosseira, bastante suja na bainha. — Qual é a ideia, Bulava, ao levar o bruxo com tanta pressa para o poste e a chibata? Quer feri-lo? Basta, nada disso. Preciso dele inteiro e saudável no canteiro de obras.

— E porque é que está a intrometer-se na execução da pena, Blaufall? — O intendente pôs as mãos na cintura. — Já me basta ter de o aguentar a apanhar constantemente os meus camponeses para a corveia. Mas não se intrometa na minha jurisdição. Não é da sua conta. O crime deve ser punido...

— Caluda, nada de crime — interrompeu-o Blaufall. — Não há aqui crime algum. Foi legítima defesa e socorro de terceiros. Não faça essa cara, não faça essa cara, pois tenho aqui uma testemunha. Permita-me, estimado senhor. Ei! Não tenha medo. Conte-nos o que se passou.

Geralt reconheceu o camponês. O mesmo que na véspera ele salvara de um roubo e que se escondera na floresta em vez de lhe agradecer. Era o pai da rapariga que ele se lembrava de ter visto despida até à combinação.

— Testemunho que... — balbuciou o camponês, apontando o dedo para Geralt. — Dou a minha palavra de que o rapaz aqui presente veio em meu socorro contra os bandidos... Salvou os meus bens... E salvou a minha filha da desonra... Livrou a inocência dela das garras dos bandidos...

— E aquele desertor lançou-se a ele com um machado — sugeriu Blaufall. — O rapaz limitou-se a defender-se. Legítima defesa. Confirme, caro senhor, que foi assim.

— Foi assim... sem tirar nem pôr! O rapaz é inocente! — O camponês estava pálido e falava estranhamente alto. — Senhor intendente, liberte-o, peço-lhe! E, por favor, aceite... A título de... hum... de algum custo ou prejuízo... Eu gostaria de reparar...

Inclinando-se de modo servil, o camponês entregou ao intendente uma bolsinha de moedas. Bulava guardou-a de imediato no bolso das suas calças folgadas, com tal habilidade que a bolsinha nem fez barulho.

— Legítima defesa! — troçou. — Cortou um homem ao meio com a espada, um rapaz inocente... Ah, se dependesse só de mim...

Saíram para o pátio. Os brutamontes empurraram Geralt para o exterior, sem lhe desamarrarem as mãos.

— Blaufall? — questionou o intendente. — Está tão escaldado nessa água que até arrastou para cá uma testemunha? Precisa assim tanto deste bruxo?

— Então não sabe? Estamos a construir a estrada, a Grande Estrada, que sai de Ard Carraigh, passa pelas florestas e chega a Hengfors. É uma coisa séria, a Grande Estrada. Por lá passará o comércio dos nossos países com o Norte. Dizem que o próprio rei ordenou que nos apressássemos. E há monstros na floresta e nos pântanos. Volta e meia morre um trabalhador, abatido por um monstro ou levado...

— E desde quando se importa com trabalhadores? Sempre disse que eles não tinham importância; se falhar um, arranja outro...

— Os trabalhadores que se fodam, a maioria é da corveia. Mas, às vezes, um desses monstros mata um capataz, e aí desorganiza-me tudo, o ritmo de trabalho vai por água abaixo. Que mais quer que lhe diga? Como já referi, preciso do bruxo. Se falho o prazo, que se lixe o prémio, mas, porra, vão fazer uma auditoria. E o auditor...

— Há de sempre encontrar alguma coisa — assentiu Bulava. — Por um lado, material comprado em excesso, por outro, gastos a mais...

— Não fuja ao tema — disse Blaufall, ofendido. — Liberte imediatamente o bruxo, sem demora. Vou levá-lo já para a obra... Mas o que... O que está a acontecer?

— São os soldados da guarnição. — O intendente tapou os olhos com a mão para fazer sombra. — O exército do capitão Carleton.

Levantando poeira e assustando as galinhas, uma dezena de cavaleiros entrou a galope no pátio. Armados. Roupas coloridas, chamativas, mas algo esfarrapadas. Apenas os dois da frente se apresentavam mais elegantes: o comandante, um bigodudo com um gibão de couro de cervo,

usando um pingente dourado e um chapéu com uma pena de avestruz; e um elfo cabeludo, com uma faixa na testa, vestindo o uniforme verde de batedor.

— Senhor capitão Reisz Carleton — saudou Bulava, abeirando-se deles. — Saúdo-o, saúdo-o. A que devo a honra?

O capitão Reisz Carleton inclinou-se na sela e escarrou. De seguida, fez sinal ao batedor. O elfo cavalgou até ao poste com a trave e habilmente lançou uma corda com um laço sobre a viga.

— Ah-ah... — Bulava pôs as mãos na cintura e verificou se os brutamontes estavam atrás dele. — Vê-se que o senhor capitão veio até à minha aldeola para um enforcamento. Ora, e até já vejo a quem hoje será posto o laço. Vejo, bem, muito bem... aqueles dois acorrentados. Ora, ora... Pois então o senhor capitão capturou os desertores da sua guarnição. Aqueles que se embrenhavam na minha floresta e atacavam os camponeses e as raparigas.

— Aqueles — o capitão torceu o bigode —, nem me passa pela cabeça enforcá-los. Os dois serão açoitados em público, um *fustuarium*. Para que se lembrem. E é isso. Conto com poucos homens para poder enforcá-los por qualquer coisinha. E para que um vagabundo qualquer os mate impunemente.

O capitão endireitou-se na sela e ergueu a voz, discursando não apenas para o intendente, mas também para os brutamontes da aldeola, para Blaufall e respetivos criados e para o pequeno grupo de moradores que já se ia formando.

— Por que motivo deveria punir os meus soldados? Por qual? Por se afastarem sem permissão? Por quererem montar uma rapariga? Aqui na guarnição é como no fim do mundo, no exílio. É como se fosse uma punição. Aqui não há de encontrar nem cerveja nem mulher. Não surpreende que os rapazes às vezes queiram dar umas voltinhas, apanhar uma...

Reisz Carleton ergueu ainda mais a voz.

— Por que diabo vão as mulheres saracotear-se para a floresta? E este senhor aqui presente? Precisava de ir com essa moça precisamente para lá? Não lhe passou pela cabeça deixá-la em casa? Não é de estranhar que os rapazes quisessem... Eu não aprovo isso! Não aprovo, mas entendo. Aelvarr? Estás pronto?

— Pronto, capitão.

— Pois então, passe-me para cá esse bruxo, Bulava. Matou um soldado

meu, vai para a forca. É preciso dar o exemplo pelo terror. E não o retire de lá, intendente. Deixe-o pendurado, como advertência aos demais.

Blaufall deu um passo em frente, dando a impressão de que queria pronunciar-se. Desistiu. Os brutamontes agarraram Geralt, mas hesitaram. Como se verificou, tinham motivos para tal.

De súbito fez-se um estranho silêncio.

Vindo de trás do celeiro, entrou lentamente no pátio um cavalo preto como a noite. Trazia um cavaleiro de cabelos brancos, vestindo um gibão de couro negro perpassado por tachas prateadas nos ombros. Sobre o ombro direito destacavam-se os punhos de duas espadas.

Lentamente, até mesmo com graciosidade, o cavalo preto passou pelos camponeses e pelo intendente até parar diante da cavalaria do capitão Carleton.

O silêncio reinou por momentos. Depois, o cavalo preto sacudiu a cabeça. Os anéis do freio tilintaram.

— Senhor intendente Bulava — rompeu o silêncio o cavaleiro de cabelos brancos —, liberte imediatamente o jovem bruxo. Devolva-lhe o seu cavalo, a sua arma e os seus pertences. Imediatamente.

— Sim... — O intendente pigarreou. — Assim será, senhor Holt. Vamos...

— Senhor capitão Carleton. — O cavaleiro curvou-se levemente. — As minhas saudações.

— Senhor bruxo Preston Holt. — Reisz Carleton tocou na aba do chapéu. — As minhas saudações.

— Senhor capitão — o cavaleiro ergueu a voz —, tenha a bondade de tirar daqui esse elfo, a sua corda e os seus subordinados. Já não são necessários. O linchamento de hoje foi cancelado.

— De facto? — O capitão endireitou-se na sela, apoiando a mão na guarda da espada. — O senhor está mesmo certo disso, senhor bruxo?

— Sim, de facto estou. Despeço-me dos senhores. Senhor intendente, o rapaz está livre? As suas coisas foram devolvidas?

— Ah, seu filho da puta! — berrou um dos cavaleiros de Carleton, arrancando da bainha a espada e esporeando a sua montada. — Vou...

Não terminou a frase. Preston Holt ergueu a mão e fez um gesto curto. O ar uivou e assobiou. Os camponeses taparam os ouvidos. O cavaleiro gritou e foi arremessado da sela como se de uma funda se tratasse, caindo pesado e morto sob os cavalos dos seus companheiros. Os animais assustaram-se, relincharam, bateram com os cascos, sacudiram a cabeça, um deles

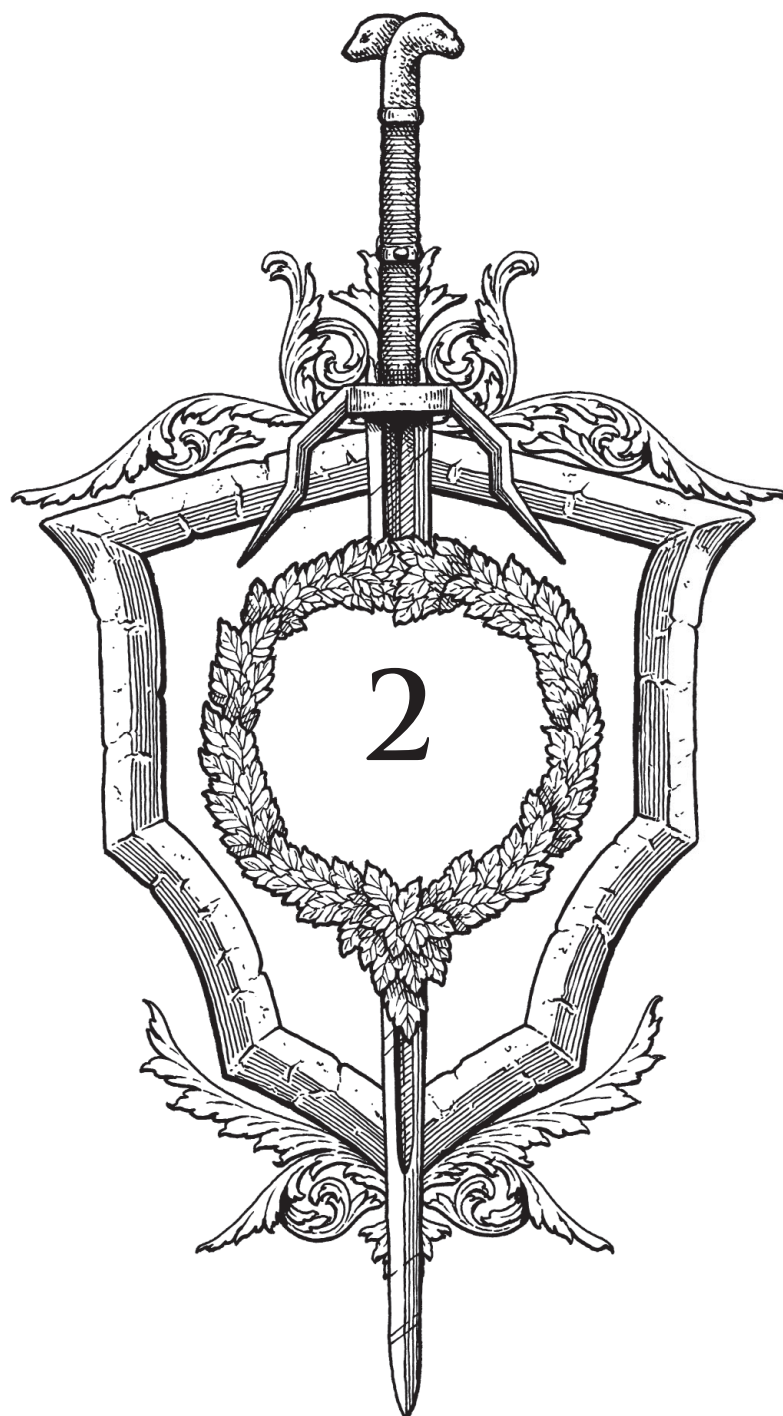
empinou-se. O cavalo do derrubado saiu disparado por entre as casas, escoiceando e arqueando o traseiro.

Fez-se um silêncio absoluto.

— Mais alguém? — Preston Holt ergueu a mão enluvada. — Algum voluntário para oferecer resistência? Armar-se em herói? Não? Foi o que me pareceu. Despeço-me dos senhores soldados. Jovem bruxo, já na sela?

— Já — respondeu Geralt.

— Pois então, vamos seguir o nosso caminho. Atrás de mim.



A Marca do Norte após o sinal da sua fronteira nas margens do rio Gwenllech. É sabido que a ambição dos marqueses de lá é fazer incursões no vale das Montanhas dos Dragões, pelo que soem chamar as suas terras de cismontanas, como se logo viesse somar-se a ela uma parte transmontana, quando os elfos fossem banidos, deslocados montanha adentro. Não obstante, passam-se os anos e nada disso sucede.

Baldwin Adovardo,
Regni Caedvenie Nova Descriptio

O reino de Kaedwen era conhecido no mundo habitado pelo seu clima frio e dado a caprichos. Fechada a norte pela barreira das Montanhas dos Dragões e a leste pelo poderoso maciço dos Montes Roxos, a região sofria incontáveis e frequentes incursões de massas de ar, resultando em invernos longos e gélidos, primaveras frias e curtas, além de verões chuvosos. Quanto ao outono, variava — por vezes eram ensolarados, quentes e agradáveis; outras vezes, não.

Agora, no mês de março, chamado de Birke pelos elfos, ainda restava neve em alguns pontos das ravinas e das depressões. As suas manchas brancas espalhavam-se pelas colinas e descampados. O gelo ainda cobria com lâminas amareladas algumas poças e valas. O sol fraco podia aquecer, mas o vento das montanhas, quando soprava, fazia arder de frio tanto quanto em janeiro.

Geralt deixou Kaer Morhen no dia anterior ao equinócio. Esse era o costume dos bruxos. Agiam assim porque os monstros tornavam-se tão famintos e agressivos depois do inverno que as pessoas dos povoados e das aldeolas sentiam-se inclinadas a custear o contrato de um bruxo, ainda que nesse tempo de penúria já tivessem consumido as reservas e estivessem praticamente sem meios de subsistência. Mas Geralt não teve tempo para ser contratado. Sabe-se o que aconteceu: mal tinham passado dois dias depois de partir das montanhas e já o camponês e a sua filha, os malfeitores, o brutamontes careca e com os dentes podres... nada a fazer. Caiu sob o jugo do intendente Bulava, do povoado de Neuhold, libertou-se do jugo, depois sofreu a ameaça de linchamento da parte da soldadesca da guarnição local e então foi salvo por aquele estranho indivíduo de cabelos brancos com duas espadas nas costas montado num cavalo preto, atrás do qual seguia agora.

— Eu proponho — o estranho sujeito virou-se na sela — que sigamos juntos por algum tempo. Talvez o capitão Carleton ainda queira enforcar-te. Dava para perceber que queria muito. Ele não é idiota a ponto de me perseguir, mas tu, sozinho, podes ser um alvo fácil. Portanto, se a minha companhia não te incomodar...

— De modo algum — garantiu apressadamente Geralt, esporeando a sua égua alazã. — Com prazer... Eu... Eu sou...

— Eu sei quem és. Os teus cabelos embranqueceram depois das mutações? Depois das mudanças? Perda de pigmentação, tal como eu?

— Pois... Mas de onde...

— De onde te conheço? É porque acompanho aquilo que vos acontece lá na Fortaleza. E chegaram-me boatos de que se formou lá um prodígio, que o tratam por Geralt e que deve seguir de imediato o seu rumo.

— Mas o Vesemir...

— Nunca falou de mim? Nunca deixou escapar o nome Preston Holt? Vou explicar-te: eu e o Vesemir há já algum tempo que circulamos em órbitas diferentes, digamos assim. Se é que me percebes.

Geralt não sabia muito bem o que era uma órbita, mas assentiu com a cabeça, fazendo uma expressão de entendido.

Seguiram em silêncio durante algum tempo. Lado a lado.

— Então, partiste de Kaer Morhen e fizeste-te à estrada — disse Preston Holt, quebrando finalmente o silêncio. — Talvez o teu começo não tenha sido o melhor, mas é assim mesmo. De forma alguma me passa pela cabeça repreender-te, muito pelo contrário; vi o cadáver daquele malfeitor e considerei os teus golpes irrepreensíveis. Talvez sem necessidade, talvez sem estratégia, talvez sem elegância... mas irrepreensíveis.

Permaneceram de novo em silêncio, observando o rebanho de gado no pasto e o pequeno pastor a correr de vaca em vaca para aquecer os pezinhos enregelados num poio bovino fresco e quente. O poio talvez não aquecesse por aí além, mas a corrida com certeza que sim.

— Estão a levar as vacas para o pasto — observou Holt —, mas a erva ainda mal saiu da terra. É indício de que começa a estação e encontrarás trabalho sem dificuldade, Geralt. As aldeolas em breve pagarão com gosto para proteger os vaqueiros e as propriedades. Vamos trotar pelo leito de escoamento até àquele bosque de bétulas.

— Pelo quê?

— Leito de escoamento. Esta vala aqui é um leito de escoamento, um canal por onde era retirada a água da mina. Como com certeza sabes, estamos numa parte do reino de Kaedwen chamada Marca do Norte. A riqueza desta Marca são os seus minérios: principalmente sal, mas também prata, níquel, chumbo, lápis-lazúli e outros tantos. Pelo menos era assim antigamente. Hoje em dia, a maior parte dos minérios começa a escassear. Nada dura para sempre.

Geralt não teceu qualquer comentário.

— Estás a ver este monte atrás de nós? Chama-se Madrugueiro. Figura assim nos mapas oficiais. E ficou conhecido por esse nome porque, há uns cem anos, um camponês chamado Madrugueiro desenterrou por acaso uma rocha de prata do tamanho da cabeça de um repolho. Imediatamente surgiu uma mina que ia escalando a encosta da montanha. Extraíram daqui grandes quantidades de prata e galena, um minério de chumbo. Mas quanto mais fundo cavaram os mineiros, mais problemas tinham com a água. Existem mais leitos de escoamento por aqui, como vais ver. Os custos da drenagem acabaram por tornar insuportável o empreendimento. Os mineiros partiram para outras paragens. Deixaram para trás um labirinto parcialmente alagado de corredores e escavações. Até aqui, tudo bem. A mina abandonada e alagada foi ocupada e dominada pelos zatráviets errantes. Sabes o que são zatráviets, suponho.

— Zatráviets — disse Geralt de memória, inspirando fundo — são criaturas não muito grandes que parecem macacos com cabeça de cão. Vivem em bandos, debaixo da terra, na escuridão. São perigosos.

— São verdadeiramente perigosos. — Preston Holt interrompeu a descrição. — Aparecem muito frequentemente aos exploradores que vêm escavar a encosta do Madrugueiro em busca da prata que ainda pode ser encontrada por aqui. Vê ali um exemplo do que eu dizia: aquele brilho são lonas de carroças e tendas. Vamos dar diretamente ao acampamento dos bravos mineiros. Os primeiros desta primavera.

Os bravos mineiros saudaram-nos calorosamente com uma delegação armada de paus e pás. Os seus rostos terríveis transmitiam um aviso simples: «Pirem-se daqui, *cheguemo* primeiro.» Contudo, as carrancas rapidamente se desfizeram: os recém-chegados não eram, revelou a inspeção, concorrentes indesejados. Assim, nas faces antes iradas estampou-se a alegria.

— Glória aos deuses, graças aos deuses! — gritou o líder dos mineiros, guardando nas costas a enxada que um minuto atrás brandia como advertência. — Louvados sejam os deuses! Glória aos deuses, é o nobre senhor bruxo! Chegou aqui a notícia de que o senhor estava nas redondezas, então nós já íamos mandar uma mensagem. E de repente o senhor cai do céu, do céu!

— Esse é o meu costume. — Preston Holt endireitou-se na sela. — Cair do céu em prol dos necessitados. Afinal, sou um bruxo.

Entretanto, aos mineiros juntaram-se algumas mulheres que se

lamentavam. O barulho tornava-se cada vez mais alto e desordenado. Preston Holt, gesticulando, começou a exigir ordem em voz alta. Demorou um pouco até que fosse possível perceber do que se tratava e o que sucedia aos mineiros e às suas mulheres.

— Precisamos de um bruxo, um bruxo! — disse, brandindo a enxada, o chefe dos mineiros. — Aqueles monstros que vivem debaixo da terra e que se alimentam na montanha sequestraram um dos nossos, um menino! Atacaram-no e arrastaram-no até ao abismo. Quem é que o vai salvar, se não for o senhor?

— Nem há duas semanas avisei-vos para se manterem longe do poço e das galerias — frisou Holt. — Não foi? Eu não disse? Para cavarem do outro lado da montanha? Esse rapaz, dizem vocês, foi capturado pelos zatráviets? Tem quantos anos? Cinco? Há muito tempo? Ah, foi anteontem? Então, não se apressaram em chamar-me. Desmonta, Geralt.

Preston Holt desceu do cavalo. Geralt não pôde deixar de perceber que ele se apeou da montada com dificuldade. E que mancava fortemente da perna esquerda. Com um gesto, afastou as mulheres lamuriosas que o cercavam. Conversou por um momento com o mineiro mais velho, depois puxou Geralt pela manga.

— Eis, jovem bruxo — disse. — É chegada a hora de ajudar as pessoas em necessidade, feridas pelos monstros. Pois para isso nos contrataram.

— Se o rapaz foi levado pelos zatráviets anteontem — resmungou Geralt —, são reduzidas as hipóteses de ainda...

— Estar vivo? Sim, é de duvidar. Mas talvez pelo menos encontremos... hum... Daremos à mãe a possibilidade de enterrar aquilo que sobrou. De onde vem essa hesitação, jovem Geralt? Ainda há pouco, sem pensares duas vezes, saíste em defesa da honra de uma rapariga e golpeaste um homem até à morte, e agora hesitas?

— Eu disse alguma coisa? — Geralt encolheu os ombros. — Ou estou a hesitar? Não estou.

•

NA ENCOSTA DA MONTANHA SOBRAVAM RUÍNAS DE ESTRUTURAS DE MADEIRA, provavelmente equipamentos de drenagem. O fedor que vinha do poço parcialmente desmoronado revelava o abismo.

— O que sobrou da mina foi o poço — explicou Holt — e o ádito, olha, lá à frente. Tanto um como o outro dão acesso à galeria superior. A

galeria é sinuosa, pois segue ao longo do veio, já completamente exaurido. De lá desce um túnel inclinado, conduzindo até à galeria inferior, ainda mais sinuosa e com várias ramificações. Abaixo há mais um poço, mas totalmente alagado. É lá que se alojam os zatráviets, nesse piso inferior. Ainda podem existir alguns buracos, ligações com as cavernas naturais. O plano é o seguinte: com a minha perna, não vou conseguir descer até ao fundo. Sendo assim, vou até ao ádito, faço barulho e atraio os zatráviets até mim. Então, toda a esperança incide em ti. Vais descer pelo poço até ao piso e, de lá, seguir pelo túnel para baixo. Aí, tens a hipótese de encontrar... o que é preciso encontrar. Com um bocadinho de sorte. Que é o que te desejo, rapaz. Até logo!

— Se calhar, seria melhor dar primeiro uma vista de olhos... — arriscou Geralt.

— Fazer o quê? — ofendeu-se Holt. — Ah, percebi. Contudo, não vale de nada... dar uma vista de olhos. Bebe o elixir, medalhão em punho e lança-te ao poço.

— Com todo o respeito — resmungou, ao lado, o chefe dos mineiros —, esse rapazola que parece tão jovem... vai servir? Nós *pensemo* que seria o senhor, seu Holt, que ia descer. O senhor na sua própria pessoa...

Preston Holt virou-se e olhou para ele. O mineiro encolheu-se, murmurou algo. E deixou a frase a meio.

•

A GALERIA ERA ALTA. GERALT PODIA CAMINHAR ERETO TRANQUILAMENTE e, mesmo assim, ainda faltavam alguns palmos para alcançar a abóbada. Por toda a parte, a água pingava das paredes; com exceção do barulho das gotas a cair, não se ouvia nada. Estugou o passo: queria chegar o mais depressa possível ao túnel que descia, antes que Holt, conforme combinado, causasse alarde no ádito.

Nas paredes da escavação viam-se profundas cavernas, vestígios dos depósitos de minério extraído. Numa dessas cavernas, avistou uma estranha construção de tijolo ou, melhor, o que restava dela. Não se percebia que eram os restos de uma antiquíssima capela.

Os mineiros, facto que Geralt também desconhecia, acreditavam nos deuses há mais tempo do que todos os demais grupos sociais. Trabalhando numa condição de permanente perigo, precisavam de crer que alguma providência cuidava deles e que as preces a ela elevadas lhes garantiriam

segurança. Como é fácil de calcular, a prática logo provou que as orações eram em vão, que os desmoronamentos e as explosões de metano aconteciam com a mesma frequência para devotos ou para infiéis. Mesmo assim, os mineiros acreditavam, construía capelas, acendiam velas e rezavam. Durante muito tempo. Mas não para sempre. Como de costume, o bom senso acabou por vencer.

O corredor começou subitamente a descer. Geralt já se encontrava no túnel. Apurou os ouvidos, mas continuava sem escutar nada além da água a pingar.

Já estava muito perto da galeria inferior quando começou.

Da escuridão, uma grande pedra passou a silvar e roçou-lhe no cabelo. Logo a seguir vieram outras. Algumas atingiram-no. Uma acertou-lhe na cabeça, levando-o a cambalear, e os zatráviets lançaram-se a ele vindos de todos os lados, latindo e uivando com ferocidade, arranhando e mordendo. Não era possível contá-los, pois moviam-se demasiado depressa em redor dele. Geralt desembainhou a espada para de imediato a perder — dois monstros imobilizaram-no, e um terceiro, golpeando-o com uma grande pedra, desarmou-o. A criatura ergueu a espada conquistada e rugiu em triunfo, abrindo ao máximo a bocarra de cão. A comemoração foi prematura — Geralt retirou ambos os atacantes de cima de si, pegou numa pedra e atirou-a, acertando em cheio nos dentes da criatura, que soltou a espada. Geralt deu um salto, agarrou a arma antes que ela caísse e abateu o monstro que se debatia com a pedra presa na bocarra. Com dois golpes rápidos, dilacerou outros dois. E lançou-se em fuga em direção ao poço. Atrás dele ouviu-se um latido feroz. Algumas pedras voaram. Uma atingiu-o na nuca — houve um clarão, um brilho estrelado iluminou a escavação. Outra pedra atingiu-o nas costas, quase o derrubando. Por duas vezes os zatráviets alcançaram-no, cravando-lhe os dentes nas barrigas das pernas, mas as suas pernas protegeram-no de ferimentos mais graves. Um dos zatráviets saltou e mordeu-o dolorosamente sob o joelho, onde a perneira não protegia. Geralt matou-o sem abrandar o passo.

Sob uma chuva de pedras, correu até ao poço, escalou as ruínas de uma escada e alcançou a superfície, caindo e ficando ali estendido. Durante algum tempo.

— Ora, ora — ouviu. — Saíste. E sem grandes ferimentos. O sangue, pelo que vejo, escorre de alguns lugares. Mas não jorra de lado algum. Estou muito impressionado.

Preston Holt estava de pé ao seu lado, mordiscando a coxa de um frango assado.

— Vá-se ... — gemeu Geralt, ainda estendido. — Porra! Era suposto estar no poço... Fazer barulho... Para atrair...

— A sério? — Holt lançou fora o osso. — Ah, sim! Perdão, esqueci-me por completo.

Geralt praguejou, com a boca ainda junto ao chão.

— Devo dizer-te... — Holt lambeu os dedos. — Não nos vão pagar um tostão. O rapaz foi encontrado. Regressou. Andava simplesmente por aí às voltas, e os mineiros, como é habitual, puseram a culpa nos zatraviets. Levanta-te, jovem Geralt. Bruxo Geralt. Permite-me, vou ajudar-te. Consegues andar? Então vamos. Como disse, o pagamento ficou para as calendas. Mas vão dar-nos abrigo para passarmos a noite, e comida. As raparigas vão tratar dos teus ferimentos. Se pedires com jeitinho, talvez uma delas seja amorosa contigo.

Seguiram na direção do acampamento e dos caldeirões fumegantes. O bruxo Geralt caminhava com dificuldade.

Um das raparigas roliças cuidaram dele, e deram-lhes de comer. Os mineiros permitiram que eles passassem a noite lá. Holt na barraca, Geralt na carroça.

Uma das raparigas dirigiu-se até onde Geralt se encontrava, à noite, e foi amorosa com ele. Mas apenas amorosa, só um pouco e nada mais. E logo a seguir saiu.

•

AO AMANHECER, GERALT ARRASTOU-SE PARA FORA DA CARROÇA E, AINDA a gemer de dor, começou a encilhar a égua. Nesse momento, Holt surpreendeu-o.

— Qual é a pressa? — Esfregou os olhos. — Espera. Vão servir-nos o pequeno-almoço, depois seguimos o nosso caminho.

— Qual é? — questionou Geralt entre dentes. — Não sei se quero ir consigo a algum lugar. Talvez siga sozinho o meu caminho.

Holt apoiou-se no tronco de uma bétula e observou o céu. Tranquilo, sem qualquer nuvem.

— Entendo perfeitamente a tua postura — disse. — Mas eu precisava, com ênfase no precisava, de te fazer um exame preliminar, verificar como és em ação.

— Eu podia não ter saído de lá vivo.

— Mas saíste.

— Não foi com a sua ajuda. Por isso, agora...

— Peço-te — interrompeu-o Holt — que me acompanhes na cavalgada pelo menos até ao meio-dia, o que significa, arredondando e considerando a hora, de cinco a seis estaianhes¹. Esse tempo e essa distância bastam, creio eu, para que te apazigues e encares o mundo com a mente mais sóbria. Depois disso, apresento-te uma proposta.

— Qual é a proposta? — perguntou Geralt, cerrando os olhos.

— Seis estaianhes. Ao meio-dia.

•

FOI JUSTAMENTE AO MEIO-DIA QUE O CÉU DE REPENTE ENEGRECEU, ressoando com o bater das asas e um imenso grasnado. Da terra e das árvores próximas lançaram-se em voo dezenas, ou até centenas de pássaros.

— Corvos. — Geralt suspirou. — Tantos corvos! Não pode ser! Os corvos não voam em bandos. Nunca!

— Sem dúvida — reconheceu Holt. — Tantos corvos de uma só vez é algo invulgar, até eu estou surpreendido. Sem dúvida lidamos com um fenómeno incomum. E igualmente incomum é o lugar onde nos encontramos. Se é que percebeste.

— Uma encruzilhada. — Geralt olhou em redor. — Caminhos que se cruzam.

— Uma encruzilhada. Um lugar simbólico. Quatro caminhos levando aos quatro cantos do mundo. Um lugar de escolha e decisão. Qual o caminho que te é conveniente seguir, Geralt, bruxo Geralt?

Os corvos pousavam nos galhos mais altos das árvores. Crocitavam enquanto observavam os cavaleiros.

— Três dos caminhos, incluindo o nosso, são os teus caminhos de bruxo solitário, o destino que escolheste ao tomares o teu rumo em Kaer Morhen. Se seguires um desses três, se tomares essa decisão, os nossos caminhos separam-se. Contudo, se escolheres o quarto caminho, ouvirás a minha proposta.

Os corvos crocitavam.

•

¹ No original, *stajanie*: antiga medida polaca equivalente a 893 metros. (N. de T.)

— JÁ TENHO, COMO POR CERTO PERCEBESTE, UMA CERTA IDADE. POSSO acrescentar que é muito avançada. Estranharias o quanto. Também sou, como já viste e não consigo esconder, um aleijado. Os meus dias de glória como bruxo são uma canção do passado. Já não percorro os caminhos do mundo armado com espadas. O brilho das minhas lâminas, por assim dizer, não mais trespassará a escuridão. Mas a escuridão existe, os monstros ainda atacam na noite escura. Podes fazer-lhes frente e derrotá-los. As pessoas ameaçadas pelos monstros ainda buscam a tua ajuda... E eu aqui armado em poeta, e tu à espera da proposta. Ei-la: vamos trabalhar juntos. Fui e ainda sou conhecido aqui em Kaedwen, nunca pude reclamar da falta de clientes, e agora as pessoas pedem-me uma ajuda que já não sou capaz de lhes dar. Mas tu és. Observei-te e digo: sê o meu sucessor, Geralt. Em vez de vagueares faminto pelas estradas, mora na minha casa. Aproveita a minha fama, e trabalho não vai faltar. Depois do trabalho, vais ter para onde voltar. E onde passar o inverno. Já eu... ficarei feliz por alguém continuar o meu trabalho. Além disso, não escondo, alguém que me ajude a sustentar-me na velhice. Não precisas de decidir agora. Por ora, basta que não sigas sozinho, mas comigo. Ainda vais acompanhar-me. Combinado?

— Ah, sei lá... Combinado!

— Então, a caminho! Deixemos esta encruzilhada aos corvos.

Os corvos despediram-se crocitando.

— Não te ofendas — Holt virou-se na sela —, mas gostaria que te dirigisses a mim de maneira adequada. Principalmente, não digas «dar uma vista de olhos» e «porra».